

Lighting designer arquitetônico

Por Claudia Sá

Quem está preparado para exercer a profissão?

UMA DISCUSSÃO QUE PARECE NÃO TER FIM: OS ARQUITETOS

clamam para si o direito exclusivo de atuar como lighting designers arquitetônicos. É latente a necessidade da profissionalização da atividade, dada a sua importância, e assim evitar a ação de pseudoprofissionais que, sob o argumento da famigerada “tendência”, polui visualmente tanto espaços internos como as cidades com iluminação excessivamente colorida e ofuscante, entre outras distorções.

No entanto, é notória a existência de profissionais advindos de outras formações afins, como engenharia, artes e outras, com trabalhos consagrados internacionalmente. Restringir o desenvolvimento do lighting design aos arquitetos é a solução para acertar o passo da profissão?

A Associação Brasileira de Arquitetos de Iluminação (Asbai) é categórica ao afirmar que cabe apenas aos arquitetos desenvolver projetos de iluminação arquitetônica. “O trabalho que os arquitetos de iluminação desenvolvem é o da aplicação da luz sobre os espaços arquitetônicos e urbanos. E quem aprende a desenhar os espaços arquitetônicos e urbanos é um profissional chamado arquiteto. Portanto, o profissional que domina o desenho das formas e dos espaços arquitetônicos é o arquiteto”, declarou a diretora de Relações Culturais da entidade, Esther Stiller.

O professor da disciplina Conforto Ambiental da Universidade Mackenzie, de São Paulo, Adhemar Pala, concorda: “se partirmos do princípio que a iluminação tem como função a visualização adequada do espaço arquitetônico, e que são do arquiteto as atribuições legais para trabalhar com o espaço arquitetônico, eu diria que deve ser desenvolvida apenas por arquitetos”, disparou.

Ele admite que haja “excelentes” profissionais no mercado com formações distintas. Mas, acredita que os projetistas sem formação em arquitetura devam ter assessoramento de

um arquiteto em grandes projetos. “Quando em um projeto de luminotécnica, com um amplo espaço arquitetônico, esses profissionais devem, sim, ter contato com arquitetos para uma melhor definição desse projeto”, opinou.

O arquiteto, doutor em iluminação e professor nas faculdades de arquitetura da USP e Unicamp Paulo Scarazzato, é maleável no que se refere a quem deve ou não exercer a profissão: “condição sine qua non para um bom projeto de iluminação é que seu idealizador tenha domínio do espaço arquitetônico”, afirmou. “Embora seja importante a regulamentação da profissão, tanto a história da arquitetura como a do lighting design traz exemplos de verdadeiros mestres, alguns geniais, que nunca foram – ou serão – arquitetos ‘de carteirinha’”, ponderou.

Exceções

Para Stiller, os bons profissionais de iluminação não formados em arquitetura são exceções. “O maior paisagista do mundo não era arquiteto-paisagista, mas era uma exceção, um gênio da arte brasileira, Roberto Burle Marx. É preciso lembrar que não se acha um Roberto Burle Marx a cada esquina”, afirmou.

Dificuldades

Para a diretora de Relações Culturais da Asbai, os não-arquitetos que atuam em iluminação arquitetônica têm em comum “a dificuldade de manter as formas originais da arquitetura depois que os elementos da edificação são iluminados”, afirma. “Isso é bastante evidente. O que comprova a diferença de interpretação das formas arquitetônicas, a partir de arquitetos e não-arquitetos”, completa.

O ensino nas escolas de arquitetura

Para que apenas os arquitetos exerçam a profissão de lighting designer é natural que se espere que as faculdades de arquitetura tratem do assunto com profundidade. Mas, não é raro ouvir queixas de pessoas que dizem ter saído da faculdade sem preparo para lidar com a iluminação artificial, já que as grades curriculares exploram, nesse campo, quase que exclusivamente a luz natural.

Para Scarazzato, a reclamação não pode ser tomada como uma deficiência generalizada do ensino no País. “Dizer que o ensino é superficial é não separar o joio do trigo”, afirmou. A falta de qualidade do ensino, segundo o professor, se resume a algumas faculdades, devido ao aumento desenfreado da oferta de cursos nos últimos anos. “É notória a proliferação descabida de cursos de arquitetura no Brasil, e isso pode colocar em xeque a qualidade de alguns, ou de muitos deles”, disse.

Ele assegura que há cursos de excelência em universidades federais e estaduais comparáveis aos das melhores escolas do mundo, tanto no que se refere ao ensino como às pesquisas nos campos da iluminação artificial e da iluminação natural, em nível de graduação e de pós-graduação.

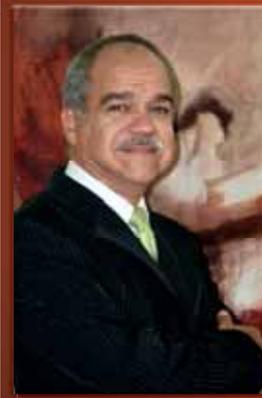
Horas-aula

De acordo com o professor Scarazzato, o número de horas-aula dedicadas à iluminação nos cursos de arquitetura varia com a faculdade. No entanto, ele lembra que a quantidade não pode ser considerada parâmetro para qualificar ou não uma escola. “O que importa é o vínculo do que é ensinado com a prática do projeto, ainda que como exercício acadêmico. Impossível não vincular o ensino da iluminação ao ensino do projeto de arquitetura”, disse.

No curso da Universidade Mackenzie, por exemplo, segundo informa o professor Pala, a iluminação é ensinada dentro da disciplina de Conforto Ambiental, como na maioria das escolas. O conhecimento é fatiado em seis partes, que são oferecidas aos alunos por semestres. O primeiro tema é Clima e Eficiência Energética; seguido de Luz Natural; Acústica; Teoria da Iluminação Artificial; Cálculo de Eletricidade e Projetos Básicos de Elétrica; e, por fim, Projetos de Iluminação.

Na outra ponta...

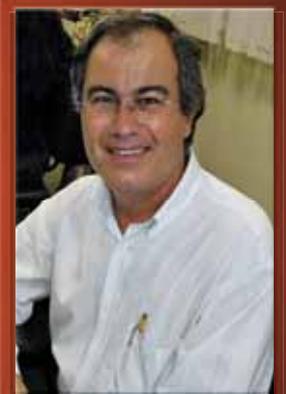
Para ter uma avaliação mais próxima da realidade sobre a[s] quantas anda o ensino da iluminação nas escolas de arquitetura, nada mais eficaz do que ouvir o outro lado. Isto é, os alunos. Aqueles que realmente sabem dizer se o conhecimento transmitido na academia os torna aptos para atuar como lighting designer. Como avaliam o ensino? Eles se sentem preparados para atuar no mercado da iluminação? Os depoimentos de estudantes recém-formados de diferentes cantos do País são muito parecidos.



Adhemar Carlos Pala

Quando um técnico ou lighting designer estiver com um grande espaço urbano para projetar a luminotécnica, ele deve, sim, ter o acompanhamento de um arquiteto, pois a disciplina Projeto Urbano, Urbanismo ou Desenho Urbano somente é contemplada na grade de arquitetura e urbanismo.

Dizer que o ensino da iluminação em nossas escolas de arquitetura é superficial é não separar o joio do trigo. A proliferação descabida de cursos de arquitetura no Brasil coloca em xeque a qualidade de alguns, ou de muitos, mas, temos ensino de excelência em universidades federais e estaduais.



Paulo Sergio Scarazzato



Esther Stiller

Recebo muitos aprendizes no meu escritório, todos são arquitetos formados e nenhum deles revela qualquer conhecimento adequado sobre a arquitetura de iluminação. A iluminação não é encarada como uma profissão especializada, que necessita de profundos conhecimentos dentro da arte e da ciência.

Não há nenhuma matéria do currículo obrigatório sobre iluminação artificial. Existe apenas uma matéria optativa, mesmo assim, é mais relacionada ao design de luminárias e não ao projeto luminotécnico em si.



Carolina Miranda

Por ter duração de somente um semestre, o ensino é superficial. Para desenvolver o trabalho de conclusão da disciplina precisei buscar mais informações fora do curso, por iniciativa própria. Embora eu já me interessasse pelo assunto, esta experiência me fez buscar mais a sério os materiais sobre iluminação.



Daniel Tochetto

O ensino é muito superficial. Aprendi a trabalhar com meus ex-chefes. Sempre fiz estágio na área, a paixão começou nessas experiências de estágio. Hoje, tenho meu próprio escritório.



Rubia Chedid

Para Daniel Tochetto, que está no último ano de arquitetura, no Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria (RS), o conhecimento adquirido do curso ficou aquém do que esperava. “Por ter duração de somente um semestre, o ensino é superficial, cabendo ao aluno, caso queira, no final desta, quando se faz um projeto luminotécnico, buscar mais material e informações para realização do mesmo”, reclamou.

Para desenvolver o trabalho de conclusão da disciplina, um projeto luminotécnico para uma praça da cidade, o estudante conta que buscou informações fora do curso, por iniciativa própria. Depois de pronto, conseguiu uma bolsa da universidade e o apoio de uma loja de iluminação para executá-lo. “Embora eu já me interessasse pelo assunto, esta experiência me fez buscar mais a sério os materiais sobre iluminação, livros, revistas, sites e fabricantes”, afirmou.

Carolina Miranda, que concluirá o curso em julho de 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), considera “falho” o currículo da faculdade, no que se refere à iluminação artificial. Segundo a estudante, que já atua em projetos de iluminação residenciais e comerciais desde 2007, “não há nenhuma matéria do currículo obrigatório sobre iluminação artificial. Existe apenas uma matéria optativa, mesmo assim, é mais relacionada ao design de luminárias e não ao projeto luminotécnico em si”, contou.

A lighting designer Rubia Chedid, formada em arquitetura em 2005, pelo Centro Universitário Belas Artes, de São Paulo, mas que já atua desde 2003 em escritórios de lighting design, afirma que o seu conhecimento foi adquirido na prática. “Aprendi a trabalhar com meus ex-chefes. Sempre fiz estágio na área, a paixão começou nessas experiências de estágio”, informou.

Conhecimento além-faculdade

Para acompanhar a velocidade dos acontecimentos, em qualquer profissão, a graduação não basta. Um bom profissional é feito de muita dedicação, muito trabalho e, principalmente, de muitas horas de estudo – até que se torne um hábito.

É incontestável que quem foi ícone num determinado campo do saber há 20 anos, por exemplo, mas que parou de aprender ali, porque entendeu que tinha chegado ao topo, hoje, pode estar vivendo das glórias do passado e se enroscando com as facilidades do presente. Ou não?

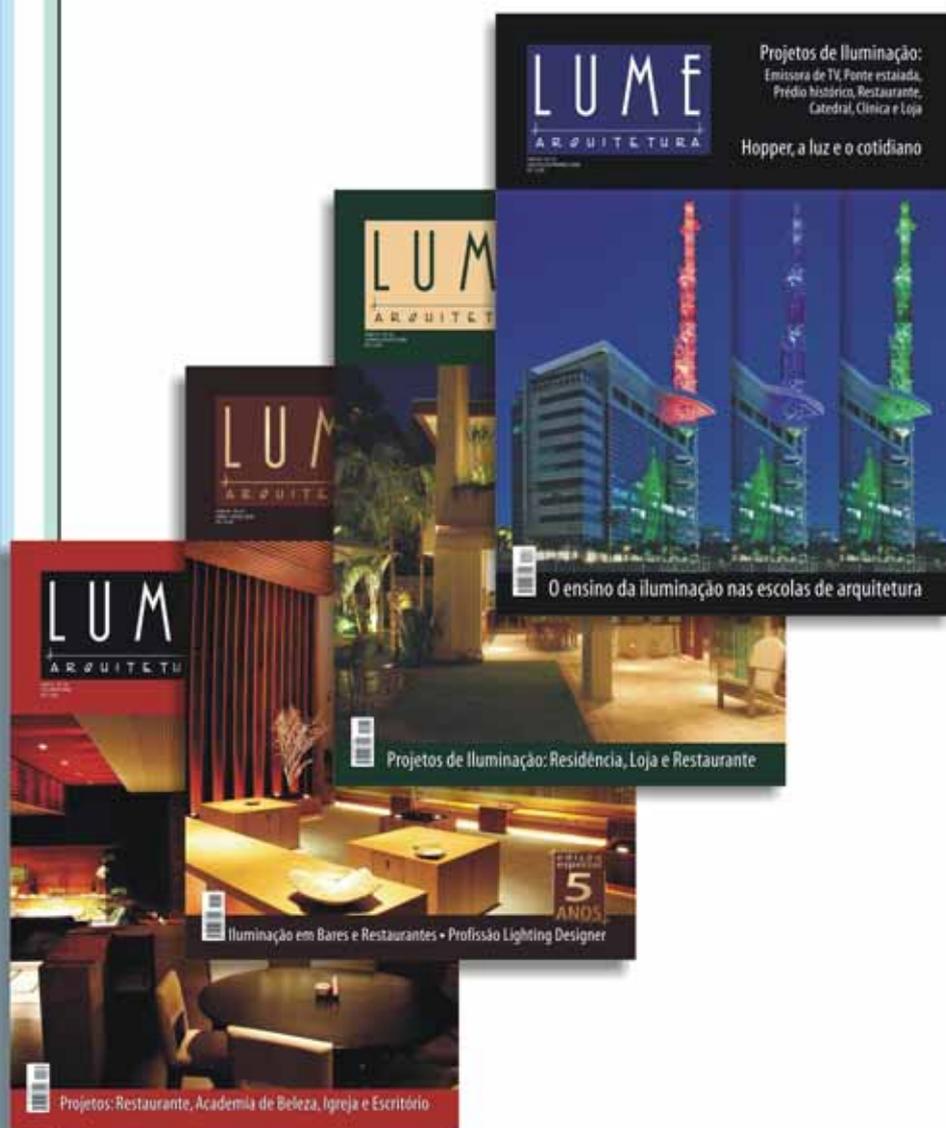
Seja a faculdade de arquitetura, de engenharia, artes ou a prática diária a principal fonte de conhecimento para se exercer a profissão de lighting designer, é imprescindível que a academia seja apenas o alicerce de uma carreira. Para se chegar à plenitude é preciso esquecer a idéia de que a graduação é o fim dos estudos. A trilha do sucesso só começa ser traçada mesmo, quando termina a faculdade. É a pós-graduação, o trabalho duro e a humildade de ser mestre e aprendiz que nos salvam dos ranços do passado, que, hoje, só servem mesmo para alimentar nostalgias dos que continuam presos a eles. Cria! ◀

Anuncie

Lume Arquitetura.

Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação